

AVENÇA

# A REGENERACÃO

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria



Director Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro

Composição, impressão e Redacção na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

## ANO FESTIVO

## Portugal e o seu Império

## Factos & Noticias

Quando passados os 366 dias do ano corrente, se fizer um balanço da vida portuguesa, poder-se-á chamar a 1940 o ano português, ou o ano áureo, ou ainda a denominá-lo de qualquer outra forma honrosa e justa, mas, fique como ficar conhecido, será sempre, também, um ano festivo.

Salazar, na Nota Oficial de Março de 1938, dizia já:

«As Comemorações Centenárias são, acima de tudo, grande festa nacional, festa para todos os portugueses do Mundo e em que todos podem e devem colaborar de maneira efectiva.»

E se todos para elas contribuem, todos devem ter sua parte na alegria que criem, na satisfação que dêem, na fé e optimismo que não de arrearigar nos espíritos acerca da vitalidade do povo português e do seu engenho criador.»

Estas palavras, que traduzem o desejo do Chefe da Revolução Nacional e representam, por serem dele, uma certeza para todos nós, devem servir de estímulo e de exemplo não só aos realizadores do grandioso programa das Comemorações Centenárias, mas tam-

bém a todos os portugueses de todo o Mundo.

E' necessário, é indispensável que todos se mostrem à altura do momento, que todos sejam dignos de participar em tão grandiosas festas.

Para isso impõe-se que todos para elas contribuam na medida do possível não só trabalhando mais e melhor mas também criando ambiente de alegria, de entusiasmo, de patriotismo.

Só assim nos mostraremos dignos do passado glorioso que vamos comemorar, da fundação à restauração e daí ao ressurgimento actual.

«E vamos a ver, escreveu Salazar na referida Nota Oficial, vamos a ver se, dominados por tão alta e bela ideia, não expulsaremos de nós o espírito da tristeza e do mal, a fim de nos prepararmos para festejar condignamente—o que raros poderão fazer—oito séculos de independência, que quer dizer, de vida livre e de trabalho intenso, em grande parte desinteressado e a favor dos outros povos da terra.»

Salazar foi, certamente ouvido e nenhum português neste ano festivo, se recusará a participar em tão glorioso acontecimento.

## O castelo de S. Jorge, acrópole da Pátria

Um dos números das comemorações do ano áureo—sem dúvida um dos mais expressivos—terá por cenário de maravilha as ameias e as barbacãs do Castelo de S. Jorge, restituído a toda a pureza do seu primitivo traçado. Depois da romagem patriótica e da recepção oficial, efectuar-se-á a cerimónia do hastear da bandeira do Fundador na torre de menagem. Cavaleiros trajando à moda do século XII prestarão a guarda de honra. E o número terminará com a representação do «Auto de Lisboa», em que intervêm grandes massas de figuração.

Esta festa estará de algum modo para a capital como as celebrações

do dia 2 de Junho em Guimarães estarão para todo o país. E' que se o castelo de Guimarães foi o berço da Nacionalidade—foi, por assim dizer, à volta do castelo de Lisboa que a cidade se formou e cresceu, tornando-se capital da nação e cabeça do império.

Com tal celebração, começará a tomar realidade o voto expresso pelo Presidente do Conselho: «o Castelo deve dominar espiritualmente o país, deve ser a acrópole sagrada, o lugar eleito para as pergrinações patrióticas.»

Que estas palavras não sejam esquecidas pelos portugueses de 1940, do ano 800 da Era Lusitana!

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Um dos princípios que a União Nacional aceita, propaga e defende é o de que «a Nação Portuguesa considera norma assente de direito público, estabelecida pela sua história, possuir fora do seu continente na Europa o domínio marítimo e territorial, político e moral, que juridicamente lhe pertence ou venha a pertencer».

Duas partes se notam neste princípio:

Primeira: é norma assente de direito público português o possuir a Nação o seu Império e o que porventura lhe vier a pertencer, fora do seu continente na Europa.

Segunda: essa norma está estabelecida pela história da Nação. E' esta segunda parte que justifica a primeira, visto que o nosso Império é património herdado dos nossos maiores, que não só o conquistaram, senão que o descobriram também, levados por um espírito, não de aventura, nem de exclusiva dilatação do território continental,—mas de alargamento da civilização cristã. Este móbil, que caracteriza a nossa história, até na formação da nacionalidade na Europa, obriga-nos a respeitar e a defender, com a conservação do nosso Império, a vontade dos nossos antepassados, dos quais somos a continuação, por sermos os descendentes; e, por esta razão, que não vale só para nós, senão ainda para o mundo, tanto mais que possuímos um Império já mais contestado no dobar dos séculos da sua existência—é que podemos e devemos exigir dos outros povos o respeito ao que nos pertence. Este respeito é de ordem pública internacional e uma das bases eternas do equilíbrio entre povos.

Por outro lado, é também do direito público, reconhecido a qualquer nação, o possuir o que porventura nos vier a pertencer, consoante os justos meios humanos, usados entre povos civilizados.

## Revista da Imprensa

Coisas que os críticos não devem querer... — O ilustre colaborador do «Século» que assina os seus artigos com a inicial M. escreveu.

«Para trabalhar a terra, para a melhorar, é preciso dinheiro para pagar salários. As benfeitorias não produzem logo. Em regra esperam-se anos, mas só pode esperar quem tem rendimentos superiores às suas necessidades. Quere dizer, uma grande parte da benfeitoria tem de

## Novo colaborador

Já neste número do nosso jornal, temos o prazer de incluir na lista dos nossos colaboradores o ex.º sr. dr. João Leal da Silva Tendeiro, colaborador da revista «Pensamento», jornalista de pulso e bem conhecido pela sua colaboração literária noutras revistas e jornais.

E' um novo de vontade firme e inteligente que, com o vigor dos seus escritos, tratando de assuntos transcendentales com elevação e apuro, enfileira no primeiro plano do meio literário.

Este nosso ilustre camarada, chamemos-lhe já assim, além da sua muito apreciada colaboração, deem-nos também a honra de aceitar o cargo que lho destinámos de nosso director literário, pelo que lhe não regateamos os nossos agradecimentos.

## Instituto Nacional de Educação Física

O «Diário do Governo» publicou há dias o decreto que cria o Instituto Nacional de Educação Física, organismo técnico destinado a preparar instrutores habilitados de educação física e a colaborar com as entidades particulares na orientação dos assuntos que com a mesma se prendem.

Foi já escolhido o pessoal docente, a que ficam pertencendo personalidades de destaque no meio desportivo e à frente do qual foi colocado o Professor Dr. Raposo de Magalhães, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, o que só por si constitue larga garantia de competência e consequente êxito da iniciativa.

O I. N. E. F. ficará instalado definitivamente no Estádio Nacional, logo que estejam concluídas as necessárias obras, operando-se assim a conjugação dos dois mais salientes benefícios de que a educação física e o desporto ficarão devedores à política realizadora do Estado Novo.

ser feita com capitais já ganhos, já poupados, já acumulados.

Ora, o país recebia o seu trabalho em outros países uma importância superior a 1.800 contos por dia. Esse dinheiro deixava de receber em virtude da crise que aflige os países onde capitalizou os seus rendimentos ou onde se encontram os seus emigrantes. Esse dinheiro que vinha para o País e que era aplicado, em grande parte, para melhorar a terra, deixou de vir. Falta nesta proporção um dos factores da produção, faltam salários—em que

## Um dos vizinhos do Império—o Japão

Num jantar que ofereceu a diversos escritores e jornalistas, o Ministro do Japão em Lisboa sr. Kikuji Yonezawa, depois de salientar que o seu país deve a Portugal o primeiro contacto com a civilização da Europa, afirmou:

«E' com honrosa satisfação que nos consideramos vizinhos de Portugal pela proximidade de Timor e Macau, terras gloriosamente fertilizadas pelo sangue e pelo trabalho portugueses, as quais desejamos poder ver para todo o sempre como padrões de glória que atestam os grandes feitos de Portugal—e, mais ainda, como prósperas e produtivas terras do grande Império Português».

## Catálogo Teatral

Acabamos de receber o catálogo teatral para o ano de 1940, da Livraria Portuguesa de Ferreira & Franco, L.da Rua da Horta Seca, n.º 3, 1.º Lisboa.

Mais completo do que os dos anos anteriores, regista inúmeras produções de que os amadores dramáticos sempre ávidos de novidades teatrais desejarão conhecer e representar.

A casa editora enviá-lo-á gratuitamente a quem lho pedir indicando este jornal.

## Informações de Lisboa

— A Sociedade Coral Duarte Lobo apresentou, no Coliseu, o «Requiem» de Verdi, dezenas de intérpretes, dirigidos por Ivo Cruz, fizeram reviver na maior sala de espectáculos do país as harmonias excelsas do grande compositor...

— Prestou provas para o posto de general, ficando aprovado, o coronel de engenharia Humberto Leopoldo Severino Sequeira de Moraes.

grande parte desta importância era aplicada. Ora, antes da guerra, o Estado, com excedente das suas receitas, fez grandes trabalhos públicos e continua a fazê-los até onde lhe é possível, mas o desequilíbrio não foi vencido completamente.

No exame das nossas condições de vida há, portanto, que ter-se em consideração este dois números: *Há hoje em Portugal mais um milhão de pessoas do que em 1926 e vêm para cá, dos rendimentos no estrangeiro, menos 1.800 contos por dia.*

Panorama

PROFECIAS...

A' la minute

Conheçamos a Vossa e a Nossa Terra

CARTEIRA

O ano bissexto de 1940 que no seu ritmo cronométrico vai decorrendo, marcou no calendário o dia 6 de Fevereiro para o decrépito rei Carnaval. Este folião que em atrazados tempos tinha um advento de muitos e buligosos dias, não mostrou ainda, apesar da proximidade do dia, qualquer indicio da sua chegada, a não ser os barretes verdes e encarnados dos saloios que à cidade de mármore, granito e muitas coisas mais, vem impingir os seus produtos. Tudo acabou! Até as criancinhas com os seus costumes garridos e que às ruas da capital emprestam a sua graça e deixaram de o fazer...

A queda da aristocracia, a subida da burguesia, sob a mascara de novos ricos, a mistura das classes, etc. tiraram à quadra da folia todo o interesse. A liberdade plena, gosada durante uma semana, por aquêles que nem sempre a tinham ganhava sabor especial. O plebeu chufava o nobre, o servo o seu senhor, o pobre o rico, entre todos invertidas por inteiro as posições. E a barafunda, uma completa revolução a rir, simulada, divertia quantos nela entravam, pelo absurdo e cômico da impostura. A farça do Carnaval passou porém, a caso sério, invertida em realidade viva. A loucura que durante a semana dominava a Humanidade e após a qual, bastava depôr-lhe no cocuruto da cabeça uma pequena peça de cinza branca para recuperar o juizo, perdeu o seu bom senso para se converter em desconfiança e mau humor.

A D. Civilização que gosta de desmanchar prazeres, tem feito grandes partidas à alegria da gente, transformando-a num quase automatico, movendo-se pelas molas da etiqueta e de protocolo. Neste tempo, que pede folia e boa disposição mais se fazem sentir os malefícios dessa dama rabugenta.

Parece que estamos a assistir, nos nossos tempos de estudante, num domingo gordo, às paródias saloias no Chiado, onde se salientava a dança da Bica pelos seus arrojados de acrobacia.

Então tudo servia para disfarce. Não havia ralações com a compra dos setins e crepes da China para os vestidos de fantasia. Uma pastorinha de setineta reles tinha lá dentro mais encanto do que os dominós de veludo ou brocado que hoje se impõe. Tudo se alindava e tinha graça pelo improviso. Bincava-se a valer.

Eram tremozos aos sacos, muitos quilos de farinha com ovos à mistura. Desgraçado do que passasse debaixo das janelas do «Tauromáquico» ou do «Turf.» Caia-lhe em cima uma aluvião de tremozos, serradura, agora, farinha, etc. que o sujeito já não sabia quem era nem donde vinha.

Eu trazia coto ou cartola? Isso era uma tragédia. Quem não queria brincar, que não saísse de casa...

Hoje... Vive-se, relembrando o passado. Fecham-se os olhos e remontamos àqueles balos tempos que relam no desconhecido para onde todos caminhamos.

Ulysses Júnior

**J. Rodrigues de Oliveira**  
Médico da Casa do Povo  
Doenças de Pulmões — Partos  
Clinica Geral  
Consultório e residência — Praça José Malhõa.

Consta...

- × que a demoiselle das *Camélias* dará pena quando se crestar com o sol tórrido de Marrocos...
- × que a demoiselle *Nabantina* segue o velho adágio: rei morto rei posto...
- × que a demoiselle *Pescada* não quer outra rede...
- × que a demoiselle *Scalabitaná* dera uma retumbante tampa, que ainda ecoa no peito despedaçado... Tem paciência, menino, também por cá tem passado a desdita...
- × que a demoiselle *Platano* é uma avizinha de bico amarelo...
- × que a demoiselle *Dietrich* não se cansa de olhar as estrélas enquanto não chega o seu astro...
- × que a demoiselle *Teófilo Braga* renunciara ao isolamento...
- × que a demoiselle *Maria Encantada* é uma incógnita...
- × que a demoiselle *Oriental* parara o tempo...
- × que a demoiselle *Leiriense* está com vontade de dar um passeio de barco no rio Liz...
- × que a demoiselle *Ginasta* tem especial predilecção por uma jarrinha de barro, embora o não confesse...
- × que as demoiselles *Irmanzinhas* continuam a crescer...
- × que a demoiselle *Tágide*, continua a inspirar o seu vizinho do Tejo...
- × que a demoiselle *Ló* pela-se por figos, mas não dos nossos...
- × que a demoiselle *Fininha* acertou na escolha...
- × que a demoiselle *Lírica*, continua a cantar saudades...
- × que a demoiselle *Esfinje*, continua misteriosa como o seu apelido...
- × que a demoiselle *Primavera*, continua bela como a estação que inspirara o seu nome...
- × que a demoiselle *Silenciosa*, guarda avaramente o seu coração...
- × que um D. Juan apanhara com um *ba'de* cheio de coisas esquisitas pelo corpo a principiar pela cabeça...
- × que o *aeródromo*, do caro G... continua a alargar-se peia acção do tempo na sua cabeça...
- × que a misteriosa menina da partidazinha do *bólo* deve ter remorsos na consciência, pelo desarranjo intestinal que ocasionara...
- × que o homem *júnebre* sofre revesses com a mudança do Registo Civil...
- × que a demoiselle *Pecunia*, tem uma forte paixão...
- × que o Reporter Z marcou o seu consórcio para o dia do Carnaval...

Aguardem...

Reporter Z

Pagamento de assinaturas

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Armando Simões Abreu, Azeitão.
- José Nunes, Lisboa!
- António Simões, M6 Pequena Graça.
- António Mendes Júnior, Graça.
- Afonso Lourenço dos Santos, Lourenço Marques.
- António Joaquim da Silva, Lomba da Casa.
- David Soares, Bairradas,

Soluçava ciciando mistério o dia brumoso, triste e frio, para cair com todo o peso da sua imponência a noite lacrimosa, de chuva miudinha, que encharcava.

Deambulando ao acaso, envolto nas negras crépes molhadas, procurava qualquer atractivo que distraísse o meu espirito triste como a noite que me envolvia.

A perpassar ora rápidas ora vagarosas, eu distingo sombras femininas através dos vidros das janelas dos quartos transbordantes de luz. Agora, uma açotara os vidros rápida como o relâmpago e indefinida como o mistério; um pouco mais adiante outra distendia-se morrendo em aguçado queixo e gigantesco nariz, disforme, irreconhecível.

Mas agora, à minha frente, surge a almejada sombra que me fez parar para gravar rápido na mente esta silhueta que passo a tentar reproduzir:

A parte superior da testa fenece com o inicio de farta cabeleira negra como a sombra projectada e que se percebe levemente ondeada e puxada para trás; testa aliviada de cabelos confeccionados adivinhadamente dum moreno claro e a sua face oval levemente purpureada albergam duas róseas orelhas onde cintilam dois pequenos brincos proporcionados ao seu corpo pouco gigante mas airoso.

Os seus olhos escuros, não sei quem gravaram no pensamento, mas, de certo que existirá, um Paris como o da lendária Troia apaixonado e disposto a todos os sacrificios para merecer o amor de...

Reporter Z

Casamento

No dia 30 do próximo passado mês de Janeiro, realizou-se nesta vila o enlace matrimonial da menina Adelaide das Dores Zagarte, filha do nosso amigo sr. João Zagarte Henriques e da sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina das Dores, com o sr. António Alves Nunes, empregado comercial.

Foram padrinhos por parte da noiva o sr. José Francisco, africano e a sr.<sup>a</sup> D. Henriqueta Henriques, de Vilas de Pedro e por parte do noivo o ex.<sup>mo</sup> sr. José Manuel Godinho e sua filha a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Irene de Paiva Godinho Ferreira.

Ao registo civil seguiu-se o acto religioso, tendo sido servido um abundante «copo de água» em casa dos pais da noiva, na sua vivenda do Carmeleiro. Aos noivos desejamos uma prolongada lua de mel e um futuro risonho.

Despedida

O nosso amigo sr. José Nunes que deixou o seu negócio de mercearias, que tinha ao Bairro Novo, ausentou-se para Lisboa, acompanhado de seu genro o sr. João Tomaz dos Anjos.

Por este motivo e no desejo de não incorrer em qualquer falta, o sr. Nunes vem, por este meio, despedir-se de todos os seus amigos e pessoas de suas relações e oferecer os seus préstimos naquela cidade na Rua Poço dos Negros, 86 1.º.

(Conversando com as crianças de Figueiró dos Vinhos)

Recapitulemos; repetimos:... — Sim. Os arabes apoderaram-se da Peninsula Hispânica em 713.

D. Peláio, última reliquia dos reis godos, refugiou-se nas cavernas de Covadonga, nas Astúrias...

Ele, e outros cristãos, fundou o reino das Astúrias. Aumentou-se e transformou-se no reino de Oviedo. Este, através dos anos, à custa do trabalho e das conquistas, transformou-se na poderosa monarquia de Leão e Castela. Desta desmembrou-se Portugal. Veio, nasceu a monarquia portuguesa.

Conseguiu-se a independência de Portugal em 1139. Festejou-se agora (no próximo ano, com um ano de atraso) o 9.º centenário da independência.

Em 1580, a Espanha apoderou-se da governação pública portuguesa. Dominaram?... — Os Filipães 60 anos, até 1640.

No 1.º de Dezembro, os conjurados, os fidalgos, o povo português proclamou e aclamou D. João IV, rei de Portugal.

No próximo ano, em 1940, celebrar-se-á o 3.º centenário da Restauração, a Restauração da Independência. E assim temos, no mesmo ano, numa só festa grandiosa, a comemoração de duas datas gloriosas: 1139 e 1640, o Duplo Centenário...

— Ah! é verdade. Tenham paciência! Ainda fica para amanhã — Sim; amanhã.

\* \* \*

.....  
Quem construiu aqui a primeira caverna? a primeira cabana? a primeira casa? o primeiro prédio? Não sabemos. Sabemos, sim, que no tempo dos romanos, a povoação era já importante. Era defendida e tinha castelo.

D. Pedro Afonso, filho natural de Afonso 1, a povoou; deu-lhe foral em 1174, com grandes privilégios.

Al-Bojaque, rei moiro de Sevilha, saqueia-a e arrasa-a em 1181. Marcha, depois, em direcção a Santarém que cerca com numeroso exército.

D. Sancho, depois rei, vai em socorro do pai, D. Afonso Henriques; derrota o exército moirisco e persegue-o até Sevilha. Com ça a reconstrução da povoação e confirma o foral dado por seu irmão, em Santarém, em 1187. Deu-lhe a categoria de vila e conservou-lhe todos os privilégios estipulados no foral.

D. Manuel I deu-lhe novo foral e 16 de Abril de 1514.

Quatro senhores, naturais da vila, fundaram o Convento de Freiras Franciscanas, em 1549.

A torre do castelo, parece, foi construída em 1552.

Fr. António de Evora, auxiliado por D. Pedro de Alcaçovas e Vasconcelos, fundou o Convento dos Carmelitas Descalços, 1601.

Consta, com visos de verdade, ter existido um mosteiro da Agua.

D. Pedro de Figueiró (nascido nesta vila) que da terra toma o nome, mestre em artes, doutor em teologia, conego do Santa Cruz, linguista, orientalista—o hebreu—professor. O sábio em letras, doutorou-se em 1565.

(Continua) Dezembro, 1939

Domingues

Cumprimentámos na nossa redacção o nosso amigo e assinante sr. Afonso Lourenço dos Santos, funcionário dos caminhos de ferro em Lourenço Marques.

— De passagem para Campelo, cumprimentámos o nosso amigo e assinante sr. Victorino Carvalho, que vinha de Lagoa.

João Leal da Silva Tendeiro

Médico Veterinário Municipal  
Clinica Geral  
Operações e Vacinações  
Figueiró dos Vinhos

AVISO

Câmara Municipal do Concelho da Sertã

Torna público que até às 17 horas do próximo dia 13 de Fevereiro do ano corrente são recebidas na Secretaria da Câmara as propostas em carta fechada para a empreitada da execução de «Calcetamento das ruas da sede do Concelho e esgotos de águas pluviais na rua Cándido dos Reis.»

O programa do concurso e caderno de encargos acham-se patentes na Secretaria da Câmara todos os dias úteis das 11 às 17 horas onde podem ser examinados por todos os interessados.

Sertã e Secretaria da Câmara aos 18 de Janeiro de 1930.

O Presidente da Câmara,  
C. Martins

Vende-se

Um guarda louça em estado de novo.

Quem pretender dirija se ao sr. Alvaro de Jesus Mateus em Figueiró dos Vinhos.

Edital

Sebastião Fernandes, Presidente da Junta de Freguesia de Figueiró dos Vinhos, do Concelho de Figueiró dos Vinhos:

Faz publico que, de harmonia com o estatuido no Art.º 16 de Decreto Lei n.º 29.995, de 27 de Agôsto de 1937, a partir do dia 1 de Fevereiro e até 15 de Março próximo, poderão os Chefes de Família desta Freguesia requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros, quando um ou outros não estiverem inscritos nos respectivos cadernos e reuam as condições de capacidade eleitoral definidas naquêle Decreto-Lei.

Para constar se lavrou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais publicos e do costume.

Figueiró dos Vinhos, 24 d Janeiro de 1940.

O Presidente da Junta,  
Sebastião Fernandes

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

Nos termos do artigo 875 do Código do Processo Civil se torna público que nos autos de execução hipotecária que Manuel da Silva, residente no lugar do Castelo, freguesia de Campêlo, desta comarca, move a Palmira de Jesus e suas filhas menores Palmira, Cesaltina, Albertina e Engrácia de Jesus, com ela residentes no dito lugar do Castelo, foi pelo mesmo Manuel da Silva requerida a adjudicação dos prédios áquelas penhoradas e adeante identificados oferecendo os preços também adeante referidos:

1.º-Casas de habitação no lugar do Castelo, confinando do nascente com a Rua, poente e norte com José Lopes e sul com a Rua. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:686 do livro B. 75 e é na matriz a artigo 11:361. Foi oferecido o preço de 1.500\$00

2.º-Terra de sementeira sita a Tapada, limite do Castelo, parte do nascente com Beatriz de Jesus, poente com Manuel da Silva, norte com o régo e sul com o caminho. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:687 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:284. Foi oferecido o preço de 900\$00

3.º-Terra com oliveiras sita ao Barreiro, limite do Castelo parte do nascente com José Lopes, poente com Beatriz de Jesus, norte com Francisco Simões Agria e sul com Joaquim da Silva. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:688 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:219. Foi oferecido o preço de 250\$00

4.º - Terra com oliveiras ao Quintal da Tapada, limite do Castelo, parte do nascente com Manuel Simões da Silva, poente com Francisco Simões Agria, norte com Beatriz de Jesus e sul com o régo. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:689 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:285. Foi oferecido o preço de 50\$00

5.º-Terra de sementeira no sítio da Junqueira, limite do Castelo, parte do nascente com o Ribeiro, poente e norte com Manuel da Silva e sul com Beatriz de Jesus. Está descrita na Conservatória sob o n.º 29:690 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:175. Foi oferecido o preço de 300\$00

6.º-Terra de sementeira sita a Ribeira limite do Castelo, parte do nascente com o Ribeiro, poente com José dos Santos, norte com Beatriz de Jesus e sul com Manuel Simões da Silva. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:691 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:312. Foi oferecido o preço de 200\$00

7.º-Terra de sementeira no sítio da Tapada, limite do Castelo, parte do nascente com herdeiros de Joaquim Mendes, poente com José Lopes, norte com o régo da água e sul com Beatriz de Jesus. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:692 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 11:286. Foi oferecido o preço de 200\$00

8.º - Pinhal sito ao Zorro, limite do Castelo, parte do nascente com a estrada, poente, norte e sul com Baldios. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:693 do livro B. 75; é omisso na matriz e foi oferecido o preço de 50\$00

9.º-Pinhal na Barreira do Pau, limite do Castelo, parte do nascente com baldio, poente com José dos Santos, norte com a estrada e sul com José Fernandes. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:694 do livro B. 75 e é omisso na matriz. Foi oferecido o preço de 50\$00

Montepio de Moçambique

(Associação de Socorros Mútuos)

É DITOS

Anuncia-se que perante a Comissão Administrativa deste Montepio, o sócio pensionista n.º 502 Francisco Simões natural de Figueiró dos Vinhos, requer que lhe seja permitido deixar de estabelecer pensão de sobrevivência, nos termos do art.º 175.º dos Estatutos aprovados por portaria n.º 3.705, de 22 de Março último alegando não ter qualquer dos herdeiros hábéis designados nos n.ºs 1.º, 2.º, 3.º e 4.º dos mesmos Estatutos (mulher divorciada com direito a alimentos, filhas não casadas, filhos menores, netos orfãos de pai e os pais)

Correm éditos de sessenta dias a contar da segunda e última publicação, a fim de que se houver alguém que se julgue com direito a impugnar o requerido, venha deduzi-lo no indicado prazo, findo o qual será resolvida definitivamente a pretensão.

Repatrição de Sócios e Pensionistas do Montepio de Moçambique em 22 de Dezembro de 1939.

O Gerente E. de Medeiros.

10.º-Terra de sementeira, ao Ribeiro, limite do Castelo, parte do nascente com o Ribeiro, poente com o baldio, norte com João Alves Pereira e sul com Joaquim Coelho. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:695 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 12:081. Foi oferecido o preço de 250\$00

11.º - Terreno no Vale dos Castanheiros, limite do Castelo, parte do nascente com baldios, poente com o régo, norte e sul com Manuel da Silva. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:696 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 12:889. Foi oferecido o preço de 50\$00

12.º - Terreno no Vale dos Castanheiros, limite do Castelo, parte do nascente com o régo, poente e sul com Manuel Simões e norte com Antonio Francisco. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:697 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 12:905. Foi oferecido o preço de 100\$00

13.º- O direito e acção a 1/6 de uma casa de habitação no lugar do Castelo, parte do nascente e poente com a Rua, norte com Manuel da Silva, e sul com David Tomaz. Está descrito na Conservatória sob o n.º 29:698 do livro B. 75 e é na matriz o artigo 728. Foi oferecido o preço de 300\$00

Todos estes prédios são situados na dita freguesia de Campêlo. Dentro de 10 dias a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio pode qualquer pessoa oferecer maior preço e apresentar-se a exercer o direito de preferancia, e se ninguém o fizer dentro do dito prazo, serão os bens adjudicados ao requerente nos termos do art.º 906 do dito Código do Processo Civil, e sendo maior preço do indicado oferecido, ou apresentando-se algum preferente, será feita a adjudicação nos termos do artigo 876 do mesmo Código.

Figueiró dos Vinhos 16 de Janeiro de 1940.

O chefe da 2.ª secção Joaquim José da Conceição Junior Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito Themudo Machado Jornal «A Regeneração»—n.º 499 de 3 de Fevereiro de 1940

Anuncio

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.ª publicação

Faz-se saber que no dia três de Março, próximo, pelas onze horas, à porta do Tribunal Judicial, desta comarca, vão à primeira praça, para serem arrematados por qualquer preço oferecido alem do indicado, os prédios abaixo descritos, penhorados nos autos de execução de sentença que Manuel de Assunção, casado, proprietário, dos Muninhos Cimeiros, move ao Ministério Público, como representante da Fazenda Nacional e Maria Lopes, viuva, dos Muninhos Fundeiros.

Prédios

Um talho de terra de seca no sítio da Portela, limite dos Muninhos Fundeiros que parte do nascente com Manuel Dias, poente, norte e sul com a estrada. Vai à praça no valor de 74\$80

Deste prédio é usufrutuário Rita de Jesus, viuva dos Muninhos Cimeiros.

O direito e acção a metade de um talho de terra de rega, sita ao Ribeirinho, limite dos Muninhos Cimeiros, parte todo o prédio do nascente com Joaquim Lopes, norte com a estrada, poente com a barroca e sul com o caminho.

Vai à praça no valor de 74\$80

O direito e acção a metade de um talho de terra de rega, sita ao Portal do Moinho, limite dos Muninhos Cimeiros parte todo o prédio do nascente com a estrada, poente com a barroca, norte com Manuel Lopes e sul com herdeiros de António Lopes. Vai à praça no valor de 220\$00

O direito e acção a metade de uma terra de rega, sita ao Ribeiro dos Muninhos, limite dos Muninhos Cimeiros, parte todo o prédio do nascente com Joaquim Lopes, poente com a barroca, norte com a estrada e sul com o caminho. Vai à praça no valor de 22\$00

Secretaria Judicial da comarca de Figueiró dos Vinhos aos vinte e quatro de Janeiro de mil novecentos e quarenta.

O chefe da 1.ª Secção Jaime Ribeiro Sucena

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de direito Themudo Machado

Jornal «A Regeneração»—n.º 499 de 3 de Fevereiro de 1940

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE - LISBOA

Filiais—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos

Todas as operações bancárias

SEMPRE POR BOM CAMINHO

Só no Gustavo Coelho Godet em Figueiró dos Vinhos.

Sempre completo sortido em tecidos para a estação de verão, e de inverno, só no Gustavo v. ex.ª encontrarão os gostos desejados, pelo seu grande sortido.

Crepes da China, itamines, crepes de lã, nas cores preta, azul e castanho, sarja e poplines de lã, panos para lençol e paninho, cobertores de Vizela e outros, colchas de algodão, seda e damasco, completo sortido para casamento, chales de merino, chales de peluche, mantilhas e lenços de seda, veus, grinaldas e ramos de laranja, sapatos por medida nas cores dos vestidos, sempre um lindo sortido de meias.

Sempre novidades em camisas, a bela camisa Adão e Tobo, gravatas anti-ruga e outras; peugas, chapéus para a cabeça e de chuva, sempre grande sortido; completo sortido para cintos de senhora.

Todo o freguês pode mandar uma simples criança, pois é a única casa no género com um só preço e vendas a dinheiro.

Algodão cru 12½ 1.ª e em cores.

GUSTAVO COELHO GODET

Figueiró dos Vinhos

Nova Carreira de Camionetes

ENTRE

Cabaços e Coimbra

Diária (Excepto aos Domingos, dia de Natal, Ano Novo e Terça-feira de Carnaval)

Inaugurada no dia 4 de Outubro de 1937

Horário e itinerário

Table with 2 columns: CABAÇOS (partida) and COIMBRA (Partida). Lists stops like Vila Nova, Alvaiázere, Barqueiro, etc. with times.

P. S. - Desde 16 de Maio a 30 de Setembro, sai a carreira de Coimbra, meia hora mais tarde: Esta carreira recebe pela manhã, no Pontão, passageiros que se destinem a Coimbra, vindos de Castanheira de Pera, Pedrogam Grande e Figueiró dos Vinhos, nas carreiras que se destinam a Lisboa

Paragem em Coimbra, na Auto-Garage, (junto à Estação Nova do C. de Ferro) - Telefone 701

Os Proprietários, 24-21

A. J. ALVES & C.ª Maçãs de D. Maria

CAMISAS LIMPOPE MARCA REGISTRADA

A única camisa com colarinho indeformável. A vendano Estabelecimento de Gustavo Coelho Godet. Figueiró dos Vinhos

Joaquim J. Fernandes

Medico Municipal

Clínica geral Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

Venda de propriedades

Vendem-se todas as pertencentes a António da Silva Neto, das Bairradas, onde são situadas, e que constam de: casas de habitação, com grande terra de sementeira de rega com muitas arvores de fruto, vinha e oliveiras.

Outras terras, também de sementeira e com oliveiras; bem como outras com pinheiros e matos.

## As raparigas nas Universidades Portuguesas

por André Valmar

As raparigas chegam às Universidades com os olhos vendados e os seus 18 anos cheios de inexperiência. Vindas dos liceus, onde se julga indispensável a separação dos sexos, sentem um ridículo acanhamento no seu convívio com os rapazes. Os colegas só lhes servem para companheiros de estudo (do estudo exclusivo das sebtas) ou para algum flirt ou derrigo pelo corredor das faculdades. A educação que os pais portugueses dão às suas filhas também não é de molde a fazer delas mulheres úteis ao seu país. Mas não culpemos também os pais. No estado actual da civilização eles procedem com toda a lógica (a lógica dos processos por que foram educados).

Sob o ponto de vista cultural a sua bagagem ou é nula ou péssima. Lançou-se o tremendissimo lugar-comum de que há livros próprios para raparigas, de que há na vida compartimentos separados para cada sexo e vá de os editores o aproveitarem para beneficiarem a própria bolsa: eis a razão de toda essa propaganda de Bibliotecas para raparigas, de colecções brancas, azuis, côr-de-rosa, de todos esses autores cujas obras (como agora é de uso fazer-se) deviam ser queimadas em auto-de-fé por perigosamente nocivas à formação espiritual, moral, intelectual (e física!) da juventude: Max du Veuzit, Magali, Clara du Veuzit, Henri Ardel, M. Dely, Hall Caine, Léo Dartey, Maryan, e tantos outros (não falamos em autores portugueses para não sermos tratados de anti patriotas). E não somente criaram livros como também revistas «próprias para raparigas» (La revue que toute femme intelligente doit lire...).

Ora é preciso pôr cõbro a isto. É preciso que todos os rapazes com consciência de si (e das realidades duma Nação como a nossa), que todos os jovens que consagram a sua vida à causa da cultura e do bem estar da humanidade, e sabem que o objecto de quem frequenta as universidades não deve ser somente obter um diploma que permita «ganhar bem» mas também atingir uma etapa que melhor lhes permita servir a cultura — é preciso, dizia, que ponham desde já mãos à obra e, aproveitando a convivência que tem com as suas companheiras de estudo, nas aulas, nos laboratórios, nas bibliotecas, na vida universitária numa palavra, se esforcem por lhes abrir os olhos, por lhes iluminar os espíritos, por as tornar melhores, mais perfectas, mais humanas.

É preciso pois:

1.º—Dar-lhes uma verdadeira consciência de sexo, pondo em evidência a sua importância na sociedade humana. Apontar-lhes os verdadeiros valores intelectuais femininos de todo o mundo. Fazer-lhes conhecer e admirar as obras de mulheres como: Madame Curie, Pearl Buck, Hellen Grace Carlisle, Yolanda Földes e outras, opondo aos livros dessorados, que algumas devoraram, livros como os dum Eça, dum Balzac, dum Huxley, dum Zola, dum Tolstói, dum Erico Veríssimo, dum Malraux, dum Stendhal, dum Jorge Amado, dum Tchekoff, dum Romain Rolland, dum Dickens, etc. Apontar-lhes o inconveniente das más traduções ou das edições truncadas que são vulgaríssimas entre nós.

2.º—Estimular nelas o gosto pelas exposições de arte, pelos concertos musicais e pelas conferências de carácter educativo. Sendo o cinema um dos divertimentos preferidos pelas raparigas, indicar-lhes os poucos bons filmes que veem por acaso encalhar às nossas salas, e fazer um ataque cerrado a toda essa espécie de cinema de carácter comercial, desmoralizador e anti-humano que

# ATTITUDE

Iniciamos hoje em *A Regeneração* uma página literária. Modesta, como não podia deixar de ser, a orientação desta página pretende seguir uma trajectória nitidamente instrutiva e útil, uma centralização de valores literários e morais tendentes a torná-la um meio de comunicação de cultura a todas as camadas dos nossos leitores, desde os mais cultos — que nela encontrarão porventura base para quaisquer locuções em redor do tema tratado — até aos que desconhecem mesmo o que seja literatura.

A orientação duma página literária depende de muitos factores a que o orientador se não pode furtar. Factores morais, factores estéticos e mesmo uma certa dose de simpatia por certos aspectos particulares da questão — eis as primeiras barreiras com que esbarra qualquer espírito evoluído que pretenda, conscientemente, abstrair-se de algum facto alheio à literatura em si. E, de facto, a literatura como entidade livre é pouco mais duma abstracção: a torre de marfim dos esteticistas que revolucionaram as letras desde há umas duas décadas não pode existir senão num homem deshumanizado ou num indivíduo em que os atributos de humanidade foram substituídos pelo mito insustentável do Super-Homem nitscheniano. A arte, como tudo o que envolve o homem e sofre de algum modo o seu domínio, não pode ser considerada como uma posição independente da marcha do progresso: progresso moral, progresso social, progresso intelectual.

Entre os numerosos factores com que temos de contar na elaboração dum plano geral de orientação literária predominam, sem contestação possível, as tendências morais e estéticas de quem o impulsiona. E a definição nítida, bem vincada, dessas tendências impõe-se desde início, para que se evitem todos os atritos ulteriores, todas as possíveis más compreensões. É que a arte actual compreende muitas correntes, muitas maneiras diferentes de a encarar, digamos mesmo muitas incompreensões. Dum lado, agrupam-se os que procuram nela apenas um interesse subjectivo, um prazer requintado de esteticismo egocêntrico, socorrendo-se de formas perfectas a-dentro dum conteúdo puramente emocional; no outro extremo ficam os que pretendem nimbar a arte com uma auréola de humanidade. E temos também de contar com os ecléticos, que buscam num ou noutro campo a razão de ser das suas construções, talvez mais conscientes, mas sem a parcela de ineditismo que impõe uma escola literária.

Perante este complexo de finalidades, o orientador duma página literária, como dum jornal literário, como duma revista literária, tem de definir bem a sua attitude de acção e de orientação. É o que vamos fazer, convencidos, conscientemente, de que o desenvolvimento racional duma acção literária tem de se procurar além da própria literatura, e que as bases em que tem de se assente não podem ser as que dá um esteticismo romântico ou uma torre ebúrnea. Portanto, a nossa attitude define-se por uma aquisição e relacionamento de forças humanas, dentro duma ampla compreensão da utilidade da arte posta ao serviço dos valores humanos e das verdades evoluídas, e por uma pequena dose de ecletismo compreensivo em relação aos que não enfileiraram na nossa orientação.

J. T.

para aí se serve aos espectadores nacionais. Condenar como profundamente imorais e impróprios para toda a pessoa de bom gosto as revistas de teatro que se apresentam nos nossos palcos; idem, idem para as outras peças «sérias», até que os nossos empregários se resolvam a ganhar menos e a «ensinar» mais.

3.º—Inscrivê-las nos clubes femininos mostrando-lhes as vantagens incontestáveis da ginástica e do desporto em geral, como único meio para conseguir uma vida sã e um corpo vigoroso. Para que possam ser mulheres fortes e boas mãis, para que dêem filhos belos e fortes, são de corpo e de espírito.

4.º—Estabelecer como base das relações entre rapazes e raparigas a camaradagem e a lealdade, a confiança mútua e a amizade, destacando o ridículo dos flirts, dos namoros, dos galanteios cinéfilos. Mostrar-lhes com exemplos a vida das raparigas de todos os países civilizados, principalmente dos nórdicos, da América do Norte e da Inglaterra.

Fazer desabar velhos preconceitos e esclarecer eternos lugares comuns, e que ouçam e divulguem.

(Do Sol Nascente)

Faremos referência crítica a todos os livros de que nos for remetido directamente um exemplar.

Toda a correspondência referente a este Boletim deve ser remetida para: João Tenreiro — Figueiró dos Vinhos.

## Plegaria

*Se tu, virgen casta y pura,  
Reina mia inmaculada  
Te encuentras anonadada  
e llena de desventura;*

*Si te aburre éste vivir  
Porque tudo está mudado,  
Si el placer se há terminado,  
Otro tiempo há de venir!*

*Alza los hojos al cielo  
Y verás, cual una estrella,  
Libertad, brotando de ella  
Que se acerca a todo vuelo.*

*Hoy todo esta conrompido  
Y se há hechado por alfombra.  
Yo llevo lleno de sombra.  
Mi curazon abatido.*

*Marcho solo, entristecido  
De ver asi la razón.*

*Hoy no mandu el corazón  
El caracter lo sincero  
No son nada sin dinero  
—Lucero de corrupción.*

*Pero en la esperanza vivo  
Que se rompan los grillones,  
Se maldigan los bribones,  
Se despierte del torpor  
Porque vuelva la alegría  
Y resuscite el amor.*

B. A. DA ROCHA

## LE COC D'OR

de Rimskij Korssakoff

*Velo boiando pelo ar um perfume de Oriente  
e o soluço de uma flauta antiga  
—de uma flauta que deveria ser de Pan.*

*Na superficie liquida do lago  
desenhou-se, como um golpe de diamante,  
o traço infinito de um vôo sem caminho...*

*E o Sol, como um glorioso Galo de Ouro  
entou na montanha o seu Hino à manhã.*

Belém, 1939.

Dulcinea Paraense.

**Feminismo**— Em Portugal, pouco éco e reflexo tem encontrado esse importante movimento de integração da mulher no lugar humano e consciente que lhe cabe nas sociedades, a que chamaram Feminismo; porém alguns esboços da sua influência se tem delineado na nossa mulher até quasi a uma afirmação completa. Embora lentamente, a mulher portuguesa vai, finalmente, sentindo e compreendendo os graves problemas que se agitam à sua volta e principia a interessar-se por eles. Mas o que mais urge é que esse interesse seja inteligente e bem dirigido, contribuindo eficaz e positivamente para o progresso e definitiva civilização do homem, que é, afinal, o principal objectivo da luta em que ele se vem empenhando há milénios sobre a terra.

Podemos ir afirmando que a mulher portuguesa começa a despertar e vai-nos sendo lícito esperar que num futuro mais ou menos próximo ela poderá, assim, dar a sua cooperação à obra da libertação e do progresso humano de todos os povos—pois não devemos esquecer que na completa educação e ilustração da mulher acentua grande parte das conquistas morais intelectuais que o homem ainda não conseguiu mas pelas quais se bate, e que lhe são indispensáveis para sua felicidade. (Aldácia Fontes Machado, in Revista Pensamento).

## revisão

**Colaboradores**— Aceitaremos toda a colaboração que nos for enviada, e que esteja dentro da nossa orientação moral e estética. No caso da colaboração enviada não nos convir, os originaes não serão devolvidos.

Dos artigos remetidos, daremos preferência aos que seguirem uma finalidade humana, aos que forem de algum modo dirigidos num sentido dignificador da humanidade. Isto não quer dizer que não publiquemos também outros em que esse sentido humana for mínimo—basta para isso que se imponham pela sua valorização literária.

**Colaboração**— As duas poesias que hoje publicamos, uma duma poetisa brasileira—Dulcinea Paraense, Secretária da Revista *A Planice* e uma figura bastante em destaque nos meios literários brasileiros—e outra dum poeta gaieço,—o nosso amigo B. A. da Rocha, autor do livro *O meio eido*—são inéditas. Afirma-se deste modo a nossa vontade de trazer até às colunas de *A Regeneração* trechos escolhidos dos novos nomes da literatura latina, em especial e além da nossa, de nacionalidades brasileira e hispano-americana, as que têm conosco mais afinidades, não só sob o ponto de vista histórico como linguístico.